

fonte: JB class.: 405  
 data: 17/6/95 pg.: 43

ENTREVISTA/RONALDO VAINFAS

# Os historiadores esqueceram os índios

■ O professor e historiador Ronaldo Vainfas lança, no próximo dia 25, o livro *A heresia dos índios (Companhia das Letras)*. Nele, Vainfas aborda um episódio que poucos leigos conhecem, apesar de estar amplamente documentado. Trata-se da história da Santidade do Jaguaripe, um movimento indígena acontecido na Bahia no final do século 16 contra a colonização portuguesa e sua imposição da escravidão e do catolicismo. “A seita se organizou de modo milenarista”, explica o historiador. A base eram os ritos Tupinambás, e o nome vem do fato de os jesuítas chamarem as festas indígenas de “santidades”. Interessado pela heresia, um senhor de escravos atraiu a seita para seus domínios e acabou desagradando profundamente as autoridades coloniais. Em entrevista ao *Idéias*, o professor Ronaldo Vainfas fala de seu novo livro e analisa o tratamento que os índios têm recebido dos historiadores brasileiros.

JOÃO DOMENECH ONETO

— Com surgiu seu interesse por este episódio da Santidade de Jaguaripe?

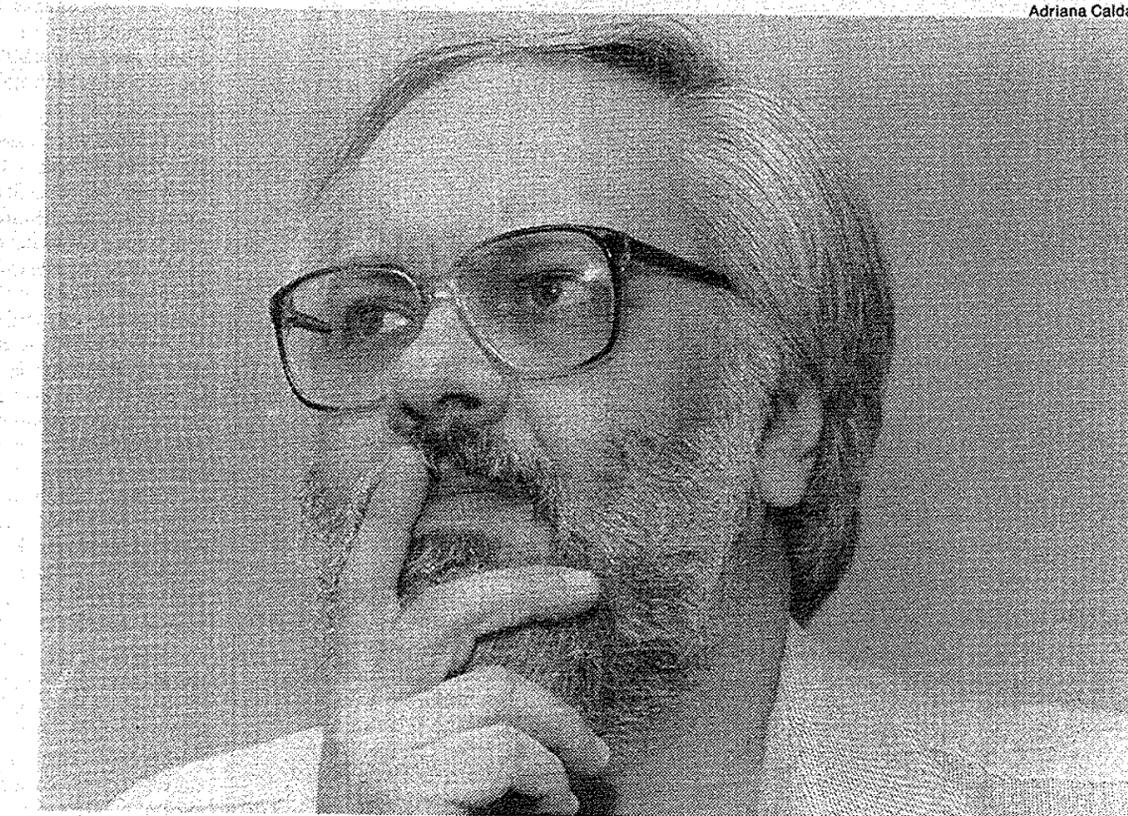
— Bom, de fato este episódio é praticamente desconhecido das pessoas, mas até que está muito bem documentado. No meu caso, o interesse não é coisa nova, embora eu desconhecesse uma parte desta documentação. Tenho um interesse geral sobre conflitos culturais durante o período da colonização ibérica e a vontade definitiva de estudar mais e escrever a respeito deste episódio específico veio um pouco por acaso. Estava pesquisando em Lisboa sobre outras questões, quando encontrei o processo de Fernão Cabral. Eu já conhecia um pouco a respeito porque tinha lido um documento com as denúncias feitas contra ele. Logo percebi que era um episódio com muitos desdobramentos interessantes e percebi também que havia muito em que me fundamentar.

— Por que este episódio e outros semelhantes são tão desconhecidos? Por que a história do Brasil não fala de tantos episódios de heresias políticas e religiosas?

— É realmente importante assinalar que este movimento na Bahia não foi o único acontecido no Brasil Colonial. Há muitas crônicas dos próprios jesuítas e de outros observadores que narram outros episódios. Acho que é preciso ressaltar também que os historiadores em geral sempre deram muito pouca atenção a tudo o que se refere aos nossos indígenas. A maioria deles até bem recentemente só leu a história do Brasil do ponto de vista do colonizador. O índio era visto apenas como mão de obra, obstáculo à civilização, alma a ser ganha pelos jesuítas. Poucos tinham se detido no impacto que o índio teve sobre o colonizador. Parecia que os índios só podiam ter uma posição passiva. Talvez os etnólogos tenham se preocupado mais com os índios, com seu papel, do que os historiadores.

— Esta situação então tem mudado?

— Sem dúvida. A relação entre história e antropologia tem estimulado o estreitamento da relação entre história e etnologia. Não só os índios, mas também os negros têm finalmente recebido a atenção de estudiosos. Eu até me incluo



Adriana Caldas

neste problema do desconhecimento da cultura negra. Trata-se de uma visão complacente que é pouco consistente com o intelectual que quer entender a cultura do país.

— O senhor diz em uma apresentação que este episódio permite conhecer melhor os dilemas da colonização portuguesa. Quais são os dilemas principais?

— O maior dilema era entre os principais objetivos que os próprios ibéricos estabeleceram para si. Por um lado, explorar a terra e os povos que nela habitavam, e, por outro, catequizar estes povos. Era o dilema entre o projeto mercantil e o projeto missionário. Dentro deste quadro havia, é claro, outros impasses. Para os jesuítas apresentava-se o problema de como catequizar uma população sobre a qual eles não tinham inicialmente a mais vaga idéia. Foi assim que eles partiram para um estudo

sério da língua tupi, por exemplo. Já os índios, eles acabaram adquirindo um catolicismo híbrido. Eles filtraram, por assim dizer, a catequização dos jesuítas. Muitas vezes, esta interação esbarrou em problemas. Por exemplo, a identificação que foi feita entre Tupã e o Deus católico não era adequada porque na verdade Tupã era um herói e não uma divindade. Acho que o mais interessante realmente foi a tal filtragem que os índios fizeram da cultura do colonizador preservando suas tradições. Foi uma antecipação da idéia de antropofagia cultural. E os jesuítas perderam o controle. Vale notar aí também o paradoxo que é catequizar os índios na própria língua deles.

— Por que a questão da religiosidade no Brasil é tão complexa? Como a história pode ajudar-nos a compreendê-la?

— De fato há uma grande complexida-

de devido à mistura extremamente complicada de religiões bem diferentes, isto é, de europeus, negros e índios. Há muitas diferenças qualitativas entre elas, como o caso de Tupã-Deus que mencionei. E isso gera formações culturais híbridas. Devemos encarar este processo — e aí a história pode nos ajudar — como um processo dramático de interação. Não devemos cair no esquema de trocas pacíficas proposta por Gilberto Freyre. Estas trocas foram dramáticas.

— Quais são as características mais específicas deste episódio que o senhor estudou? E quais as características mais amplas que permitem uma comparação com outros episódios?

— O importante é que ele foi a principal insurreição indígena no Brasil colonial. E sua característica principal — e diferenciadora dos outros episódios — foi o fato insólito de a insurreição e sua seita

terem sido incorporadas por um senhor de escravos ambicioso chamado Fernão Cabral que interessou-se por elas e atraiu-as para perto de si com promessas de liberdade e tranqüilidade.

— Por que ele fez isso se arriscando a cair em desgraça?

— Porque era ambicioso. E talvez pretendesse aumentar sua mão-de-obra. Este excesso de ambição levou-o à desgraça, embora ela não tenha sido tão ruim. Por seus serviços prestados anteriormente, ele acabou recebendo uma pena leve.

— O senhor concordaria que apesar de tudo os índios continuam um mistério quase total para a maioria absoluta dos brasileiros? Por quê? Esta incompreensão é alimentada de alguma forma?

— Isto tem relação com o que dizíamos no início. Trata-se simplesmente de uma visão dominante, que tem que ser substituída. Na verdade, o índio já despertava bastante interesse no século passado, já era considerado um elemento importante, mesmo se era visto de forma deturpada. A literatura romântica o cultuava de forma idealizada. Mas o interesse era importante. Em geral, sempre prevaleceu um distanciamento, uma negligência. As pessoas não se esforçavam para realmente entender a história deles e sua inserção na história do país. Felizmente, como já disse, isto está mudando.

— O Brasil costuma negligenciar muito sua história, importantes arquivos não recebem apoio. Isso dificultou sua pesquisa?

— Este é outro problema que me parece estar sendo solucionado. Há muita gente dedicando-se seriamente ao trabalho de pesquisa, recolhimento de dados e de manutenção de arquivos. Nas últimas décadas deixou de ser problema pesquisar em história em muitos casos. Eu não tive problemas, consegui a ajuda necessária, foi ótimo. Nos últimos 20 anos a pesquisa histórica, os arquivistas, bibliotecários, tudo ficou muito mais profissionalizado, tudo tem recebido muito mais apoio. E os cursos de pós-graduação, é importante lembrar, têm contribuído muito para isso.